

**Forças
que impulsionam
a educação**

Heinz Zimmermann

Título do original:

Von den Auftrikräften in der Erziehung
© Copyright 1997 de Verlag am Goetheanum, CH-4143 Dornach, Suíça.
ISBN 3-7235-1000-0

Copyright das ilustrações

Verlag am Goetheanum, CH-4143, Suíça.

Direitos desta tradução reservados à

João de Barro Editora Ltda
Rua Pintassigo 292 - 04514 031 São Paulo SP
cel: + 55 11 984328564
contato@editorajoaodebarro.com.br
www.editorajoaodebarro.com.br

2ª Edição

novembro de 2022

Tradução

SERGIO CORREA

Revisão 1ª edição

RUTH SALLES

Revisão 2ª edição:

MARIANGELA MOTTA DE LUCA

Projeto Gráfico:

GISELA MOTTA
PAULA UBATUBA TANNURI

Capa:

DENISE SEIGNEMARTIN

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Zimmermann, Heinz

Forças que impulsionam a educação / Heinz Zimmermann ; tradução de Sergio Correa. -- São Paulo : João de Barro Editora, 2008.

Título original : Von den Auftrikskräften in der Erziehung.

1. Antroposofia 2. Escolas Waldorf 3. Método Waldorf de Educação 4. Pedagogia
5. Steiner, Rudolf, 1861-1925 I. Título

08-05474

CDD-371.39

Índices para catálogo sistemático:

I. Educação : Método Waldorf 371.39
II. Pedagogia Waldorf : Educação 371.39

Forças que impulsionam a educação

Heinz Zimmermann

tradução de
SERGIO CORREA



Agradecimentos

A Federação das Escolas Waldorf no Brasil e a João de Barro Editora agradecem a Sra. Freya Zimmermann pela cessão de direitos autorais referentes a esta publicação e à Seção Pedagógica, responsável pela 1ª edição, por gentilmente ceder o texto e as imagens para esta publicação.

Índice

Prefácio 9

Prefácio à edição brasileira 11

Capítulo I

FORÇAS QUE IMPULSIONAM A EDUCAÇÃO 13

A. INICIATIVA E FORÇA DE DECISÃO CONTRA SOBRECARGA E ROTINA. . . . 13

Um professor vivencia seus limites 13

Como nos ligarmos com as forças ocultas de empuxo ascendente? 15

'Mas, o que é tempo?' 19

Sou capaz de tomar decisões? 20

B. EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE – EDUCAÇÃO COMO ARTE. 26

Questões que se apresentam. 26

Configuração do tempo como tarefa da educação. 28

Arte de educar como Arte social 31

C. O LIDAR FRUTÍFERO COM A ANTROPOLOGIA CIENTÍFICO-ESPIRITUAL. . 36

Capítulo II

O EDUCADOR COMO REPRESENTANTE DA VIDA ESPIRITUAL

LIVRE –

A FORMAÇÃO MODERNA DE COMUNIDADES. 47

A. O MOSTEIRO COMO COMUNIDADE IDEAL DA IDADE MÉDIA.	51
B. A COMUNIDADE ESPIRITUAL DO SÉCULO XX	54
O princípio hierárquico	55
As regras da ordem.	64
Formação de comunidade dentro de um organismo da vida espiritual (muro, votos solenes, Última Ceia)	70
C. O ESPÍRITO ESCOLAR	77
D. CONCLUSÃO	80

Capítulo III

ESCOLA WALDORF E ESPÍRITO DA ÉPOCA 83

A. INTRODUÇÃO	83
B. RE-FUNDAMENTAÇÃO DA PEDAGOGIA WALDORF A PARTIR DE SUA ORIGEM	85
C. A SITUAÇÃO DE LIMAR DA ATUALIDADE E SEU REFLEXO NA ESCOLA WALDORF	91
D. TAREFAS ATUAIS DAS ESCOLAS WALDORF	97
E. O SER DA ESFERA DO MEIO COMO REPRESENTANTE DA HUMANIDADE ..	102

Prefácio

O presente livreto dirige-se principalmente a todos os que praticam ou querem praticar a arte de educar de Rudolf Steiner. Assim, ele pressupõe o conhecimento prévio das bases dessa arte. As questões aqui tratadas apresentaram-se concretamente em muitos encontros e conversas que mantive com pais, alunos e professores em escolas Waldorf de todas as partes do mundo. Por isso, dedico este texto também a professoras e professores Waldorf ativos nas escolas. Cada pessoa que adota esta profissão percebe logo que não se trata apenas de desempenhar bem sua tarefa em sala de aula. Também se exige de nós a colaboração com os demais colegas, pais e amigos da escola, assim como com o público em geral. Ainda assim, não é tudo, pois a comunidade escolar só é realmente frutífera se posicionar-se plenamente dentro da atualidade, se educar e ensinar a partir do espírito da época atual. Com certeza, esses três âmbitos atuam fecundando-se uns aos outros, não podem ser separados e, de fato, mostram-nos claramente as três tarefas principais: ser bom professor, bom colega e bom cidadão da atualidade. Neste sentido, os três capítulos estão voltados a essas três tarefas. Eles já foram publicados separadamente antes: o primeiro e o segundo capítulos, no *Rundbrief der Pädagogischen Sektion (Nr. 1-4)*, o segundo, além disso, no *Goetheanum (Nr. 43 vom 4. Februar 1996 und Nr. 18/19 vom 4. August 1996)*; o terceiro é o conteúdo da palestra de encerramento do Congresso Mundial de Professores de 1996. Para esta publicação, entretanto, eles foram revisados e ampliados. Espero que o livreto possa, tanto quanto possível, dar apoio aos colegas em seu dia a dia escolar por meio de indicações concretas e, talvez, até mesmo contribuir para o necessário entusiasmo por essa profissão.

Prefácio à edição brasileira

É para mim uma grande alegria que este livro possa ser publicado agora no Brasil, em português.

Ele trata das questões essenciais da Pedagogia Waldorf: as bases antropológicas, a cooperação do colegiado na auto-administração e a tarefa de servir ao espírito do tempo, Micael.

Pude trabalhar e aprofundar estas perguntas justamente com os colegas brasileiros da Pedagogia Waldorf, e vivenciar com quanta seriedade e entusiasmo os amigos trabalharam as bases antroposóficas. Nesse processo, também desenvolveram, individualmente, a competência de cuidar destes elementos em seus locais de trabalho, com responsabilidade própria.

A cada encontro se intensificou uma verdadeira troca na procura pela meta comum da Pedagogia antroposófica. É meu desejo que este livro promova, também no futuro, a responsabilidade própria individual e se constitua na finalização provisória do trabalho conjunto frutífero, de que me lembro com grande alegria e gratidão.

Junho 2008

Heinz Zimmermann

Capítulo I

FORÇAS QUE IMPULSIONAM A EDUCAÇÃO

A. INICIATIVA E FORÇA DE DECISÃO CONTRA SOBRECARGA E ROTINA

Um professor vivencia seus limites

É o final de um período de ensino e faço a retrospectiva que deve ser, ao mesmo tempo, a base para preparar o que vem a seguir. Acumularam-se muitas questões não resolvidas. Sinto que a classe precisaria de um novo impulso, eu deveria visitar alguns pais, porque a situação se agravou com esta menina e aquele aluno. Certos acontecimentos que se repetem entre as crianças desencadeiam em mim antipatias previsíveis e reações rotineiras. E sei muito bem que tudo isso leva a bloqueios, contraria meus ideais de educação.

Há algo que sempre gera na classe um absurdo círculo vicioso. No início da aula, quando descubro mais uma vez não estar presente o aluno que constantemente chega atrasado, instala-se logo em mim a expectativa pela situação irritante da porta se abrindo em momento inoportuno e do atrasado apresentando sua desculpa esfarrapada, pouco convincente. Essa expectativa pela irritação que se aproxima me sobrecarrega duplamente: sei que, como professor, eu não deveria me aborrecer – e assim aborreço-me ainda mais pela incapacidade de refrear minha irritação.

Surgiram situações em que reagi de maneira inadequada porque estava cansado. Minhas forças esvaíram-se totalmente no preparo de uma matéria nova para mim, que me exigiu em demasia. Não será mais fácil durante a próxima época de História. Os livros já se amontoam em minha escrivaninha. Agora preciso começar a preparação, encerrar a retrospectiva, embora esteja longe de estar pronto.

Toca o telefone. A mãe do mencionado jovem queixa-se do fato de eu tê-lo feito trabalhar após a aula e de, por isso, ele ter chegado muito tarde para o almoço que representa um momento importante na vida familiar. Isto não favorece o impulso para minha preparação.

Enquanto leio o primeiro capítulo de uma obra de trezentas páginas, logo percebo que ela pouco me ajudará para o ensino. Não obstante, continuo lutando enquanto o tempo se escoar, já sabendo que jamais conseguirei dar cabo da pilha de livros, apesar da certeza de que a obra decisiva se encontra ali na pilha. Na próxima reunião de pais mencionarei como é importante desenvolver cabeça, coração e mãos com fantasia, que a educação deve ser artística e assim por diante.

Assumi minha tarefa com entusiasmo e idealismo, mas agora estou exausto. E, como tenho presentes todas as exigências ideais e também as represento externamente, estou duplamente resignado, porque a consciência pesada pelas exigências não satisfeitas – ‘como professor Waldorf eu deveria...’, ‘seria necessário...’ – me sobrecarrega continuamente. Estou sendo exigido demais. Não tenho tempo suficiente, já pela manhã sinto falta de força e coragem. Tenho de confessar a mim mesmo que só estou reagindo às exigências externas e que, por isso, jamais consigo satisfazê-las. Por isso minha autodeterminação e soberania se esvaem pouco a pouco. No entanto, um professor assim é o oposto do que as crianças precisam. As perguntas que se apresentam nesse confronto são as seguintes: Como posso ganhar tempo? Como chego a idéias pedagógicas? Como supero minha falta de forças e de coragem?

Repassemos as situações precedentes sob outros pressupostos. Supondo que tivéssemos tido a ideia pedagógica certa para a menina e o menino, isto teria levado a uma conversa construtiva com os pais e estabelecido uma nova relação proveitosa, tanto com eles, como com as crianças. Teríamos economizado muito tempo. Imaginemos uma manhã escolar em que eu tivesse desenvolvido algo bem especial e impulsionador; talvez, pela pergunta de uma aluna. Eu me sentiria então mais cheio de vida, mais revigorado que antes da aula. Minha preparação posterior teria o impulso necessário. Finalmente, imaginemos que, a partir da conversa com um colega, me tivesse ocorrido a ideia luminosa de como estruturar a nova época. Nesse caso, os livros passam a ser apenas elementos de estruturação e os utilizamos seletivamente; talvez até mesmo uma força nos ajude a abrir o livro certo no momento oportuno.

Olhando para essas vivências e possibilidades, apreendemos as questões do tempo e da força sob uma nova luz. Sobrecarga, cansaço, falta de tempo são efeitos de forças gravitacionais que pressionam de cima para baixo e atuam paralisando a atividade pessoal. A ideia luminosa, a ideia pedagógica e a iniciativa atuam na direção exatamente contrária, são forças de empuxo ascendente, tal como as encontramos atuantes na planta que cresce de forma natural.

Como nos ligamos às forças ascendentes e ocultas de empuxo?

Precisamos, para tanto, estabelecer nossa pergunta da seguinte maneira: por que meios podemos ativar as forças ascendentes de empuxo, evidentemente ocultas em nós, presentes em nós no início como dádivas e que podemos observar em cada criança pequena?